

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI

NAIARA CARVALHO

A CONSTRUÇÃO PAISAGÍSTICA A PARTIR DAS OBRAS DE FRIDA KAHLO:
O uso de imagens e obras de arte no processo de ensino-apredizagem

SÃO JOÃO DEL REI

2019

NAIARA CARVALHO

A CONSTRUÇÃO PAISAGÍSTICA A PARTIR DAS OBRAS DE FRIDA KAHLO

Monografia apresentada como requisito à obtenção do título de Geógrafo, Curso de Geografia, Universidade Federal de São João Del Rei.

Orientador: Prof. Ivan Ignacio Pimentel

SÃO JOÃO DEL REI

2019

Ao meu filho Ipê, que de dentro do meu ventre me inspirou a terminar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que fizeram parte da minha jornada enquanto estudante de geografia, principalmente, ao meu amigo do peito e padrinho do meu filho Felipe Vieira que sempre me agraciou com seus saberes ao longo do curso. Aos meus queridos professores, Flamarion Dutra Alves, que acreditou nesse projeto desde o seu início e Gil Porto que com sua didática me inspirou a seguir com o curso. Ao meu grande amigo e querido orientador professor Ivan Ignácio Pimentel, por ter chegado na hora que eu mais precisava e ter aceito meu projeto de coração aberto e muita paciência.

Agradeço ao destino e por todas as suas peripécias que me fizeram chegar onde estou hoje, ao meu companheiro, namorado e amigo nessa jornada na terra Leonardo Coelho por ter estado ao meu lado durante todos os momentos difíceis e fáceis também.

A minha mãe e meus irmãos por ter proporcionado as estruturas necessárias para que eu corresse atrás dos meus sonhos.

*A leitura do mundo precede a leitura da
palavra.*

Paulo Freire

RESUMO

A geografia cultural vem ganhando espaço nos meios acadêmicos desde a década de 70, e propõe o estudo de temas relevantes da Geografia por meio de análises não convencionais, como por exemplo a interpretação de aspectos pré-definidos em obras de arte. O presente trabalho apresenta a argumentação de que as imagens e obras de arte podem fazer parte do processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar. Analisaremos as pinturas de Frida Kahlo, que através de pinceladas surrealistas nos leva a uma imersão político-cultural da década de 30 em seu país de origem, o México. Foi realizada uma análise das simbologias contidas nas obras que contém os temas como política, festas típicas e paisagens naturais. Espera-se com a pesquisa demonstrar que é possível ampliar as possibilidades de se estudar e compreender Geografia, utilizando métodos não convencionais, como a análise de obras de arte por exemplo, que possam ser aplicados na sala de aula ou em outros espaços.

Palavras-chave: Geografia Cultural – Geografia – Educação – Frida Kahlo

ABSTRACT

Cultural geography has been gaining ground in academia since the 1970s, and proposes the study of relevant geography themes through unconventional analysis, such as, for instance, the interpretation of pre-defined aspects in works of art. This paper presents the argument that images and works of art can be part of the learning process in the school environment. We will analyze Frida Kahlo's paintings, which through surrealist brushstrokes lead us to a political-cultural immersion in the 1930s of her home country, Mexico. An analysis will be made of the symbologies contained in the works that contain themes such as politics, typical festivals and natural landscapes. It is hoped with the research to demonstrate that it is possible to broaden the possibilities of studying and understanding Geography, using unconventional methods, such as the analysis of works of art that can be applied in the classroom or other spaces.

Keywords: Geography Culture – Geography – Education – Frida Kahlo

SUMÁRIO

Introdução	9
1 O olhar geográfico e a construção da paisagem	10
1.1 A importância de enxergar o espaço na ciência geográfica	13
1.2 Algumas considerações sobre o conceito de paisagem	16
1.3 Paisagem e Simbolismo	19
2 As obras de arte e a revelação de paisagens construídas	24
2.1 A linguagem geográfica e a utilização de imagens	25
2.2 Por uma geografia visual: A revelação do espaço vivido	28
2.2.1 O olhar	29
3 A expressão da cultura e o olhar de Frida Kahlo	30
3.1 A Trajetória de Frida Kahlo	31
3.2 O olhar geográfico a partir das obras de Frida Kahlo	34
3.3 Escola e cultura: as imagens e a construção de conhecimento no espaço escolar	37
4 Considerações finais	39
5 Referencias	40

Introdução

Buscamos com este trabalho adentrar as nuances contidas nas obras de arte para separar aspectos que contenham informações culturais, históricas e políticas que possam gerar debates no âmbito escolar, auxiliando assim na absorção do conteúdo por parte dos alunos.

A artista escolhida para o presente trabalho é a pintora surrealista Frida Kahlo. Através de suas obras buscaremos símbolos, paisagens e cores que remetem a cultura de seu país de origem, o México. E também buscaremos elucidar como as obras da artista podem contribuir para gerar debates que permeiam disciplinas como a geografia, história e sociologia.

A geografia cultural apresenta uma diversidade de temas que analisam a relação das artes, literatura, cinema, música e pinturas com a ciência geográfica. Um campo pouco explorado dentro do meio, uma ciência emergente que tem muito conteúdo a ser explorado.

No presente trabalho, inicialmente, buscamos trabalhar conceitos como espaço e paisagem e de que forma estão presentes no nosso cotidiano. É no espaço e na paisagem, onde nós imprimimos aquilo que nos representa enquanto cultura. Ambos os conceitos irão possibilitar um diálogo direto com os símbolos construídos por nós e impressos nos meios que vivemos e convivemos enquanto sociedade. O simbolismo (expresso no meio) representa diferentes momentos de transformação realizados pelo homem. É a partir dos conceitos apresentados que iremos observar como o simbólico se manifesta tanto no espaço quanto nas obras de arte.

Posteriormente, realizaremos um breve debate entre a linguagem geográfica e as imagens. A geografia se constrói amparada pelo uso de mapas, ilustrações e pinturas; e era dessa forma que tanto o geógrafo quanto o homem comum “se apropriavam” das partes distantes do mundo. As imagens nos possibilitam interpretar porções do espaço e ao mesmo tempo auxiliam na construção do nosso olhar ao mundo.

Por mais que a ligação entre geografia e imagens seja algo comum desde a construção da linguagem geográfica, percebemos que elas são utilizadas como

suporte para o conteúdo escrito. Na nossa compreensão as imagens têm a possibilidade de ser conteúdos em si mesmas, gerando discussões e debates em sala de aula.

Por último, trabalharemos o uso da imagem no sistema de ensino. Acreditamos que o uso de imagem pode ser uma importante ferramenta que possibilite a construção de um olhar geográfico amplo, possibilitando um outro olhar dos alunos sobre o mundo. Ao mesmo tempo, consideramos o recurso em tela importante, uma vez que fornece aos alunos novas formas de linguagens e leituras para além da escrita. Desde muito cedo as imagens fazem parte do nosso processo de ensino-aprendizagem, mas é algo que acaba se perdendo no momento que desenvolvemos a leitura e uma melhor oralidade.

Acreditamos que a artista escolhida tem muito a agregar nos processos de aprendizagem nas salas de aula. Sendo uma pintora mulher nos anos 30, latino-americana, com um traço único e uma história de vida instigante. Frida Kahlo buscava se manter ativa nos meios políticos, era uma leitora assídua e imprimia em suas ilustrações muito do contexto histórico cultural do México de sua época, além de também demonstrar o clima e paisagens típicas de país.

1. O olhar geográfico e a construção da paisagem

Ao longo do primeiro capítulo, contemplaremos os conceitos de espaço e de paisagem, conceitos considerados relevantes para a ciência geográfica e fundamentais para no nosso trabalho, pois representam diferentes formas de atuação e transformação realizadas pelo homem. Ambos os conceitos possibilitam um diálogo direto com os símbolos construídos, representando diferentes momentos de transformação realizados pelo homem, ou seja, a partir dos conceitos em tela observaremos as formas que o simbólico se manifesta no espaço e como molda a vida daqueles que ali moram/convivem.

Para isso, defendemos que a ciência puramente positivista ou até mesmo a geografia crítica em toda a sua metodologia não consegue esmiuçar toda a subjetividade do espaço, pois, ele é social, político, cultural e está repleto de

sentimento humano. Por isso nos nortearemos pelos passos da fenomenologia, pautados na Geografia Humanista.

Consideramos importante destacar que a ciência tem sua importância na compreensão do ser e sentir, não queremos aqui descreditar o fazer científico, mas manter uma mente crítica e sensível, sabendo que a pluralidade humana é mais do que podemos ler, é apenas um passo inicial para a elaboração deste trabalho. Em Santos, podemos observar que:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Segundo o autor supracitado, o espaço é um exemplo da própria sociedade, é na sua interação com o espaço que o homem se revela enquanto ser social, criador de cultura e símbolos. Pois é no espaço que o homem imprime aquilo que lhe é característico, seja por meio de edificações ou por meio da arte como músicas e pinturas.

Em Paul Claval (1999 p. 25), “o espaço é o suporte das atividades produtivas dos grupos humanos”, dessa forma, em diferentes grupos sociais, uma coisa comum a esses grupos é que o homem é um ser criador e criatura do espaço, pois ao mesmo tempo em que ele molda o espaço, esse mesmo espaço se torna responsável pela formação do indivíduo. Isso nos serve de suporte para entendemos que cada sociedade possui uma gramática específica, logo a paisagem humanizada tem formas variadas que refletem as escolhas e os meios de diferentes culturas.

É na interação homem e espaço que nasce a geografia e todos os seus conceitos. Dependendo das características políticas, culturais, funcionais, sentimentais os conceitos podem dialogar constantemente entre si. É através desse diálogo, que buscaremos “sair do espaço” e contemplar o conceito de paisagem, também considerado vital para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Paisagem, é um conceito chave que acompanha as transformações da geografia e une suas partes físicas e culturais. Compreender o conceito de paisagem se faz mais do que necessário à proposta do nosso trabalho, e, se faz necessário compreender o simbólico incutido em cada paisagem. A paisagem é repleta de símbolos sejam eles, culturais, religiosos ou políticos. É nesse momento que a paisagem faz a ligação entre os meios físico e cultural da geografia, físico enquanto edificação ou paisagem natural de um determinado lugar e cultural enquanto construção social simbólica daquele espaço.

Quando partimos para o estudo de paisagem podemos perceber, como aponta Cros Grove (2012) que a “geografia está em toda parte”. Paisagem está em tudo que nossos olhos podem captar. Pode ser uma paisagem urbana ou rural, paisagem de um bairro rico ou um bairro pobre, de uma cidade grande ou pequena, aquilo que se vê pela janela do apartamento, tudo é paisagem.

Cada paisagem tem suas singularidades, a paisagem urbana de Hong Kong na China é diferente da paisagem urbana de Nova York nos Estados Unidos, por mais que sejam duas grandes cidades há uma diferença espetacular em sua paisagem, isso porque há uma grande diferença em suas culturas, modo como o ser humano constrói e é construído pelo espaço. Parte dessas paisagens e de suas singularidades passam a se tornar símbolos para o reconhecimento de cidades. Assim para Cassirer:

A paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza. É também forma simbólica impregnada de valores. Além de sua gênese, estrutura e organização, focos correntes dos geógrafos, é necessário para a sua compreensão que se apreendam os seus significados, pois são estes que lhe dão sentido. (CASSIRER. 1993, *apud*, CORREA 2011)

O simbolismo (e seus significados) está presente no nosso dia a dia, no cotidiano humano. Nas praças, construções antigas, edificações do estado, igrejas etc. São esses símbolos que moldam (ou são moldados) as interações sociais daquele espaço, seja ele um lugar fixo ou algo esporádico como intervenções culturais que acontecem de tempos em tempos e deixam sua marca no espaço.

A construção de um símbolo é uma construção social e histórica. Social porque os símbolos só podem existir se compartilhados em um dado meio social; os símbolos tem que comunicar um significado. É uma construção também histórica porque se dá em um dado tempo estando permanentemente sujeito a ressignificações. Os símbolos, então, nascem de um determinado meio social e tempo histórico, e estes são os alicerces que sustentam sua existência. Mudando os alicerces, muda-se também o significado.

1.1 A importância de enxergar o espaço na ciência geográfica

Diante de uma constelação de conceitos existentes no campo geográfico¹, torna-se fundamental no momento inicial do nosso trabalho, tornar nítido ao leitor a vertente conceitual por nós escolhida para promover um debate amplo e rico, envolvendo uma temática tão subjetiva – a construção paisagística a partir das obras de Frida Kahlo.

Sabendo que o espaço é considerado um conceito-chave para a geografia, uma vez que este é apropriado, transformado, transformador e constantemente reinventado pela sociedade, ou seja, uma totalidade que reflete diferentes contextos históricos. No momento inicial da proposta, realizamos uma breve análise sobre a importância do espaço para a ciência geográfica e posteriormente, correlacionamos os conceitos de espaço e paisagem.

Sabendo que segundo Corrêa (1995), o espaço aparece como um conceito vago², começaremos a nossa abordagem como o seguinte questionamento: O que seria o espaço, qual seu significado? Para responder as indagações propostas dialogaremos inicialmente com Doreen Massey (2008), pois para a autora, espaço mais (+) significado é igual a espacialização e este é o ato de viver e sentir o espaço, em outras palavras, muito mais do que uma simples localização, a condição espacial é

¹ COSTA, Rogério Haesbaert da. Regionalglobal: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

² A expressão espaço geográfico ou simplesmente espaço, por outro lado, aparece como vaga, ora estando associada a porção específica da Terra identificada seja pela natureza, seja pelo modo particular como o Homem ali imprimiu as suas marcas, seja como referência à simples localização. Adicionalmente a palavra espaço tem o seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro, da rua, da casa e de um cômodo no seu interior (CORRÊA, 1995:15).

algo intrínseco ao ser humano, uma vez que carregamos dentro de nós as múltiplas subjetividades e emoções construídas ao longo das nossas múltiplas trajetórias e vivências espaciais. Ao mesmo tempo em que a sociedade transforma a natureza, ela transforma a si própria, se reconstruindo e constituindo através dessa dinâmica.

O campo teórico, intelectualiza até o que nos é intrínseco – o sentir – através dos sentimentos iremos construir o espaço, o que ele representa para nós, e a partir daí levar para o campo de julgamento do que é bom e do que é ruim. Nessa mesma perspectiva, para Bergson (*apud* Massey, p44) trazer o espaço para o campo teórico, o campo da conceituação retira a experiência real das coisas, acabamos por subjugar o espaço a representação.

Antes da experiência propriamente dita, aquela adquirida através dos nossos sentidos, que nos faz humanos, vem o campo teórico na busca de explicar e consequentemente diminuir as experiências, ou simplesmente encaixá-la em palavras. Para o autor supracitado, a mente humana é orientada espacialmente, mas tudo aquilo que foge ao teórico, ou seja, tudo que é criativo, imaginativo e expansivo, não o é. Para ele só conseguiremos alcançar o que é essencial quando nos afastarmos da espacialização intelectual imposta pela mente. “Quanto mais a consciência é intelectualizada, mais a matéria é espacializada” (*ibid.*, p48).

Dialogando com os autores em tela, defendemos que através da representação podemos espacializar o tempo e desta forma compreender intelectualmente o espaço. Em nosso trabalho defendemos que a espacialização é a concretude da conceituação do tempo/espaço.

É essa tentativa científica moderna de quantificação que retira a essencialidade de ser, viver e estar no espaço. O tempo nada é sem o espaço, o espaço não existe sem o tempo; “espaço e tempo existem em um *continuum*, uma totalidade unificada. O tempo é capaz de representação apenas através de sua subordinação ao espaço e aos moldes espaciais.” (Grosz *apud* Massey p.91). O espaço é base das tramas humanas, de suas vivências e suas culturas. Através dele podemos fazer viagens no tempo reconhecer marcas do passado deixadas pelas antigas civilizações, observar como tudo se modifica.

Ao percorrer o espaço, cria-se uma linha temporal onde é conectado o tempo ao espaço. Os movimentos dentro do espaço o moldam como plural e múltiplo

e assim divisível. Massey (2009, p.47) denomina espaço “como a dimensão de trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de estórias-até-agora”. Assim, é nele que agregamos tudo aquilo que nossas civilizações viveram e aprenderam, o espaço nos possibilita continuar em desenvolvimento, nos construindo em conjunto com os ensinamentos deixados pelo passado. As estórias-até-agora são marcas deixadas por aqueles que um dia experienciaram o espaço que agora nós experienciamos.

Há muitas formas de se ler o espaço, e inúmeras teorias criadas em volta de seu conceito De Certeau, segundo Massey (2009, p.50), tem uma opinião parecida com de Bergson, mas voltada para a escrita. Segundo ele a escrita fora do campo da oralidade e o método científico moderno irá suprimir o ato de “escrever no espaço”, de ser no espaço sem teorização. Dessa forma, “Narrativas, estórias, trajetórias são todas suprimidas na emergência da ciência como a escritura do mundo.” (*ibid.* 2009 p.50)

Seria a ciência uma forma de retirar o brilhantismo daquilo que é essencialmente humano, viver e experienciar o espaço, sem teorizá-lo, apenas senti-lo? É sabido que a ciência é uma grande aliada da humanidade, e também muito apegada a termos e construções, “A ciência-escritura retira a vida dos processos e os torna reversíveis, ao passo que a vida real é irreversível” (Massey, 2009, p.50). Devemos nós confiar na ciência? e mais precisamente, como fazer ciência sem se fechar? Houve uma reflexão sobre essas questões pelos teóricos da época, como tudo aquilo que é humano, não são todos que irão buscar fazer ciência da mesma forma.

De acordo com a autora supracitada (*ibid.*, 2009, p.89) a sistemática para compreender o espaço é levar em consideração que é algo múltiplo e dinâmico, aberto e contínuo. Ou seja, a melhor forma de compreensão do espaço é buscar manter uma mente mais aberta e abrangente. O espaço é aquele que agrega toda a sociedade humana, é algo volátil, suscetível a todo tipo de percepção. A sua teorização jamais conseguirá alcançar a sua totalidade.

A busca da compreensão do espaço é, no fim, uma busca pela compreensão de nós mesmos. O espaço é a forma pela qual a população se traduz, cada povo tem no seu externo aquilo que reflete do seu interior. Ao teorizar aquilo que é externo podemos perceber as nuances da população que ali vive, mas melhor que

teorizar o externo é fazer parte e sentir tudo o que o espaço propõe. Observar aquilo que a paisagem ao redor tem a nos dizer.

1.2 Algumas considerações sobre o conceito de paisagem

No momento inicial do capítulo realizamos uma pequena abordagem buscando “trazer a luz” o conceito de espaço. Assim, temos a convicção que o espaço está em constante transformação, uma vez, que de forma dialética é um elemento modificado e ao mesmo tempo modificador da sociedade, ou seja, ao mesmo tempo que o espaço reproduz toda uma dinâmica que reflete uma dinâmica específica de um grupo social, ele cria regras e especificidades que refletem a sua reverberação no tecido social.

Após fazermos uma pequena abordagem sobre o conceito de espaço, torna-se crucial nesta parte do texto correlacionarmos os conceitos de espaço e paisagem. Sabendo que o conceito de paisagem faz parte da memória humana, uma vez que representa a concretização de um padrão estético, econômico ou até mesmo político³ representado no espaço, em outras palavras, o conceito de paisagem remonta a ideia do espaço observado e suas diversas interações, no momento inicial do texto faremos uma breve abordagem demonstrando a evolução do conceito e sua relação direta com o espaço.

A abordagem em tela se faz necessária e constitui um elemento norteador do nosso pensamento, pois ao longo do nosso trabalho o conceito supracitado se constituirá em elemento-chave para trabalharmos com as pinturas de Frida Khalo sob o caleidoscópio da ciência geográfica.

Na década de 20, alguns geógrafos consideravam a paisagem como um tema central da geografia, tendo em vista que o conceito estava diretamente ligado a interação entre diversos elementos que “compõem o meio”. Por isso consideramos relevante começarmos a nossa abordagem dialogando com Carl Sauer, pois para o autor, o conceito de paisagem é o que vai unir as partes físicas e culturais da geografia

³ Outro aspecto sólido na concepção geográfica de paisagem diz respeito ao aspecto visual, como cenário, ou resultado, dos eventos naturais e sociais. São as fisionomia e morfologia, de interesse da geografia e que ocupam determinado espaço (MAXIMILIANO, 2004, p. 88).

“uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais” (SAUER, 1998, p.23). A paisagem nessa época ainda está muito ligada a morfologia e aos conjuntos visíveis que a formam, refletindo uma totalidade que pode ser contemplada pelo nosso olhar. Nessa mesma perspectiva, para Neta (2005), essa ênfase só seria superada com as redefinições do conceito de cultura⁴.

Dessa forma, para nós a cultura é uma herança e a transmissão é realizada em diversas etapas, envolvendo diversas instituições e, representando o desenvolver de sentidos humanos que possibilitam formar e ao mesmo tempo interpretar as múltiplas realidades de paisagens constituídas. Isso pode ser observado através de diversas pesquisas envolvendo o conceito de paisagem, encabeçadas em sua maioria por geógrafos alemães e franceses⁵, que buscavam ressaltar o homem como transformador do meio e criador de sua paisagem⁶. Para Salgueiro:

A nova relação da sociedade com seu espaço não é portanto um dado, mas um produto, construído por um processo cultural e social. Requer aprendizagem. É necessário preparar o olhar para descobrir a beleza da natureza através de um processo cultural de aprendizagem de códigos e modelos a que Roger (1989 e 1991) chama “artialização *in visu*”. (SALGUEIRO, 2001, p.38)

Através de um diálogo com Salgueiro (2001), podemos constatar que o conceito de paisagem é um processo de criação que envolve elementos culturais e sociais, que construídos e reconstruídos ao longo da trajetória de uma sociedade, sendo o “olhar” algo constantemente moldado ao mesmo tempo que o homem molda, constituiu novos elementos espaciais.

Com isso, consideramos relevante ressaltar que o conceito de paisagem se modifica junto com a geografia, seja com geografia do recorte espacial utilizada em determinada pesquisa, seja através das diferentes escolas do pensamento geográfico. A geografia tradicional positivista, por exemplo, era mais descritiva e tinha como uma de suas bases o determinismo geográfico. Para Maximiliano:

⁴ Para Paul Claval (1999), o conceito de cultura pode ser considerado a soma dos comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados durante nossas vidas;

⁵ A geografia alemã tem herança naturalista, desde Humboldt; a francesa desenvolveu observações quanto à região, formada pelas culturas e sociedades em cada espaço natural (MAXIMILIANO, 2004, p. 87).

⁶ Paisagem aqui já no conceito de cultural reformulado a partir dos anos 70.

“Em suas análises, Humboldt partiu da observação da vegetação para caracterizar um espaço e das diferenças paisagísticas da vegetação para aplicar o método ao mesmo tempo explicativo e comparativo. Em fins do século XIX, Ratzel influenciou o conhecimento das paisagens, com sua linha de pensamento sobre as relações causais existentes na natureza. Na virada do século, suas idéias foram assimiladas pela Landschaftskunde, uma ciência das paisagens, considerada sob ótica territorial, ou seja, uma expressão espacial das estruturas da natureza, organizadas por leis cientificamente observáveis.” (MAXIMILIANO, 2004, p. 83):

Dessa forma, acreditava-se que a cultura e as formas de vidas eram influenciadas pela morfologia e clima, ou seja, observamos um consenso entre os Geógrafos de que a paisagem, reflete o resultado da interação entre elementos físicos, biológicos e humanos. Fica nítido que a paisagem não é simplesmente formada por elementos naturais, mas inclui a existência humana o que irá mudar com as transformações da tecnologia. É nesse sentido que o homem passa a ser protagonista de sua história e sua cultura, transformando ele próprio o meio em que vive. Isso acontece a partir da evolução das ferramentas, manipulação das culturas e da terra e também com a urbanização.

A partir dos anos 70, com a ressignificação do conceito de cultura, a geografia cultural ganha destaque nas pesquisas. As subjetividades ganham um enfoque maior e é possível uma melhor compreensão do conceito de paisagem. Segundo Cosgrove e Jackson (2000, p.18), “ao reconstruir os conceitos de paisagem e de cultura com novas referências conceituais, os estudos recentes de Geografia Cultural enfatizam o caráter de construção cultural sofisticada do próprio conceito de paisagem”.

Assim como a espacialização, o conceito de paisagem busca compreender aquilo que se manifesta fora de nós, externo aos nossos corpos mas que compõe o mesmo. O conceito de paisagem é uma forma de olhar o espaço, repleto de simbolismos e subjetividades, e buscar compreender esses signos dentro de um conjunto, como se um fizesse parte do outro. Para Melo (2001, p. 33):

“A realidade é interpretada e os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pelo indivíduo não como uma soma de objetos próximos um ao outro, mas de forma simultânea. Neste sentido, a paisagem é apreendida de forma holística.”

A paisagem não é percebida separada em partes, é percebida como um organismo único onde a soma de todas as partes é maior que o todo. Holístico quer dizer integrado; para a medicina ayurveda⁷, holística é a junção de corpo, mente e espírito como sendo um só. Assim ela se constrói como um sistema unificado, farto de pequenas singularidades, envolvendo diversos elementos que explicadas em si mesmas perdem a essência que o todo a confere.

Este mesmo conceito também está presente na psicologia da Gestalt, também conhecida como “psicologia da forma”. Para a Teoria da Gestalt, surgida no início do século XX, “não se pode ter conhecimento do todo através das partes, e sim das partes através do todo” (MARIN, 2008, p.208). Quando vemos uma pintura, por exemplo, percebemos de imediato o todo: um vaso, uma maçã, uma mulher; só depois é que percebemos as partes que o compõem, suas formas, posicionamentos, e é apenas no contexto do todo que estas partes fazem sentido. Para a teoria, “só através da percepção da totalidade é que a razão pode decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito” (*ibid.*, p.208).

Diante da nossa breve abordagem envolvendo o conceito de paisagem e sua correlação com o espaço, destacamos que paisagem é a “materialidade congelada e parcial do espaço geográfico” (MAXIMILIANO, 2004, p.89). Dessa forma, o conceito remete a diferentes contextos, culturas e especificidades de um dado momento, de uma dada realidade, que embora estejam em constante transformação, cristalizam determinadas experiências espaciais vividas por determinados atores sociais.

Descortinar brevemente o conceito de paisagem constitui um elemento fundamental para o desenvolvimento do nosso trabalho, pois para concretizarmos a proposta inicial de trabalharmos com as pinturas de Frida Kahlo, tornar o conceito de paisagem legível ao leitor constitui apenas uma tarefa inicial para as tramas que serão apresentadas ao longo do trabalho que estamos desenvolvendo.

1.3 Paisagem e simbolismo

⁷ Medicina desenvolvida na Índia a mais de 7 mil anos.

Até o presente momento, nosso trabalho buscou contemplar os conceitos de espaço e de paisagem, pois, como já destacamos, ambas as construções teóricas são consideradas relevantes e fundamentais para o desenvolvimento do nosso trabalho. A partir do presente momento buscaremos correlacionar o conceito de paisagem e as múltiplas construções simbólicas presentes a partir do caleidoscópio geográfico. Visando ampliar o debate, buscaremos trazer a luz no presente subcapítulo um diálogo entre paisagem e simbolismo, como eles estão ligados em todas as áreas da vida humana, conversam e participam do nosso cotidiano nos âmbitos político, social e cultural.

Através de Corrêa (2012, p. 133), sabemos que, símbolos e significados, constituem o principal foco da geografia cultural. Os símbolos correspondem a edificações como a torre de Pisa, no norte da Itália⁸, com uma leve inclinação se tornou um símbolo turístico. Os significados, de acordo com o dicionário Aurélio são “importância representativa atribuída a um sinal ou símbolo”, parte do pessoal ou social a atribuição significado para tal edificação ou evento cultural. O significado está inculcado no símbolo.

Com a geografia cultural buscamos através da intelectualidade dar sentido (ou descrevê-los) às diversas vivências humanas, através de sua compreensão, buscamos entender a realidade (constituição, organização e estrutura) de um modo mais profundo. Acreditamos que os símbolos constituidores de paisagem podem ser usados como uma importante ferramenta para a construção do saber geográfico nas salas de aula.

Através dos símbolos e cultura é possível construir um saber geográfico que seja imagético. Aprender a história de um país, de uma cidade ou de um povo através de seus artefatos pode trazer uma fonte de saber que seja uma alternativa as leituras. Através das obras sociais é possível compreender como um indivíduo ou sociedade compreendia o espaço em sua época.

Quando o espaço passa a ser simbólico? segundo Corrêa (2012, p. 137), isso acontece quando algo no espaço passa a ter representatividade simbólica, ou

⁸ De acordo com o super site abril “Projetada para abrigar o sino da catedral de Pisa, no norte da Itália, a torre foi iniciada em 1173: seus três primeiros andares mal tinham acabado de ser erguidos quando foi notada uma ligeira inclinação, devido ao afundamento do terreno e ao assentamento irregular das fundações.”

seja, quando podemos observar símbolos que representam processos e estruturas presentes nas múltiplas dimensões espaciais. Para visualizarmos a questão supracitada, podemos usar como exemplo, a Torre Eiffel em Paris.

No atual contexto do mundo contemporâneo, seja através de imagens ou da nossa construção mental, consideramos difícil pensar Paris sem pensar diretamente na Torre Eiffel, isso ocorre por que a Torre é uma localização fixa que traz muito significado a cidade, suas luzes, suas formas criam uma cultura parisiense e todo turista que conhece a cidade pretende uma foto com ela⁹. Outro exemplo, trazendo para o campo brasileiro é o Cristo Redentor na cidade Rio de Janeiro, é tão simbólico para a cidade que é cartão postal da mesma. O Cristo de braços abertos pronto para receber todos que vem conhecer a cidade e abraçar a todos que vivem nela, se torna parte do significado da cidade e se torna também uma correspondência da mesma. (MELLO, 1993-2008. p. 169)

As paisagens são criadas e significadas por nós, da mesma forma como nos cria e cria toda uma cultura a sua volta. Segundo Rosendahl,

“A literatura, pós-1970, aponta inúmeras pesquisas na interpretação da identidade no lugar e do lugar. Os geógrafos focalizam a maneira como os grupos culturais criam paisagens e, por sua vez, têm sua identidade cultural reforçada por essa paisagem.” (ROSENDAHL, 2012, p.48)

Tanto a cidade de Paris quanto a cidade Rio de Janeiro utilizam de seus símbolos como parte integrante de sua cultura. Para além da Torre e do Cristo há outros símbolos culturais que constituem a identidade das cidades e de seus cidadãos.

Acima foram citados alguns símbolos fixos (edificações, paisagens permanentes). Segundo Corrêa (2012, p.137) há também os fluxos, que seriam símbolos que se movimentam no espaço, um exemplo são as procissões¹⁰. As

⁹ Projeto de Gustave Eiffel, vencedor do concurso da feira mundial em 1889 ano centenário ao da revolução francesa. O objetivo do concurso era elevar na Champ-de-Mars (uma praça em Paris) uma torre de ferro de 300 metros, que seria retirada depois. Os engenheiros da empresa de Gustave ousaram em aumentar a altura da torre (1000 pés), tamanho foi o sucesso do monumento que está na cidade até hoje.

¹⁰“A participação bastante acentuada nas igrejas e o predomínio do aspecto devocional dos fiéis, expressos através das romarias, das promessas e ex-votos, das procissões e festas dedicadas aos santos, dão um caráter eminentemente social e popular ao catolicismo brasileiro (...). Essas práticas tomam a forma simbólico-religiosa (...).” (ROSENDAHL, 1996, p. 71) As procissões, são formas de expressões culturais católicas, onde os fiéis tomam as ruas com cantos e resos típicos da religião.

procissões são parte simbólica do grupo dos católicos, assim como as paradas gays são parte simbólica dos LGBTQIAP+¹¹. Acontecem nas ruas e em movimento, onde todos podem participar ou assistir, é o espaço aberto onde se expõem, mostram suas vivências, crenças e etc para a sociedade. No caso dos LGBTQIAP+, a parada para além de construir a simbologia do grupo¹² é também um ato político. Uma forma reivindicar o seu direito a cidade, a vida e ao amor.

Segundo Corrêa (2012, p.138) “manifestações espaciais da cultura, os lugares simbólicos estão impregnados de significados políticos, religiosos, étnicos ou associados ao passado”. Na cidade de São Paulo há uma praça chamada Vale do Anhangabaú, próxima a prefeitura, que se tornou ao longo do tempo um lugar simbólico para skatistas da modalidade street. Ao longo dos anos a praça foi marginalizada e recebeu pouca atenção de políticas públicas, mudando a sua funcionalidade e sendo ocupada por pessoas em situação de rua e usuários de drogas. Nesse cenário a praça perde a sua representatividade simbólica e experimenta uma espécie de “decadência”.

Uma das coisas que o skate (principalmente a modalidade street) traz, é um novo olhar para o urbano ressignificando lugares¹³, viram na praça uma estrutura que possibilitaria manobras e a ocuparam.

A política de higienização¹⁴ proposta pela prefeitura de São Paulo, visava a revitalização do vale sem levar em consideração toda a história cultural que havia naquele espaço, os skatistas que ali ocupavam e nutriam uma relação íntima com o espaço, construída através da “vivência cotidiana”, dado a sua importância simbólica pra história do skate no país, se uniram em protestos para que a revitalização não acontecesse.

¹¹ LGBTQIAP+ é uma sigla que significa Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionado, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli e mais.

¹²Constrói a simbologia pois é nesse espaço que a camada da sociedade de fora da sigla pode participar, ver como se vestem, como são suas músicas, o que os identifica como sendo um grupo.

¹³ Símbolos também podem ser ressignificados, a praça outrora frequentada pela elite paulistana cai no esquecimento e é ressignificada por outros atores sociais

¹⁴ Política de “limpeza” de São Paulo proposta pelo prefeito eleito em primeiro turno de 2016 João Dória, visava apagamento de Grafittis pela cidade e revitalização de áreas.

As obras aconteceram, mas diante da repercussão dos protestos, a prefeitura se propôs a reproduzir algumas das ilhas onde os skatistas realizavam as manobras como parte do memorial do vale. De acordo com o que pode ser observado no documentário¹⁵ produzido por e para os skatistas que ali frequentavam, a revitalização leva a história e as minúcias da praça. Por mais que sejam construídas outras ilhas iguais às que tinham antes, não serão as mesmas. Não terão a carga de vela¹⁶ advinda dos anos em que elas foram utilizadas.

O novo por mais que seja igual não carrega o sentimento do antigo, em nossa sociedade contemporânea o novo, o revitalizado, o recém-feito é levado mais em consideração que o sentimento de pertencimento de um grupo que construiu parte de sua história em um espaço.

Segundo Corrêa (2012 p.140) “o sentido simbólico de um lugar, (...) pode ser construído tanto por seus moradores quanto por interesses e pessoas externas ao lugar”. O simbolismo como, espaço de skate, foi empregado ao vale não só por aqueles que ali frequentavam diariamente, mas por toda classe de skatistas e admiradores do esporte. Os lugares simbólicos advêm de complexos processos de criação, seja ele interno ou externo, e pode ser conferido pelos mais diferentes agentes sociais.

Seguindo a mesma perspectiva, optamos por contemplar uma importante personagem mexicana, que constituiu um dos principais elementos do nosso trabalho, Frida Kahlo. Temos a convicção que ela pode ser considerada um símbolo de seus país, não só ela e seus quadros, mas por sua postura política considerada desafiadora as normas sociais vigentes no México.

Entretanto, consideramos impossível ver suas pinturas, seus autorretratos e ver algum relato da pintora sem automaticamente ligá-los a cultura mexicana, ao espaço e aos simbolismos presentes na paisagem. Isso acontece porque Frida ao se expressar artisticamente, buscava pincelar as culturas típicas mexicanas, como “dia de los muertos” por exemplo, uma festa mexicana que acontece no dia 2 de novembro e celebra a memória daqueles que já se foram.

15 Documentário “Mau espírito”

16 Velas são utilizadas para que o skate deslize em superfícies como cimento, ferro etc.

Para além desse quadro que retrata uma festividade típica, Frida usava em suas pinturas a paleta de cores da bandeira, questões políticas e sociais, vestimentas típicas, paisagens e animais. Toda sua trajetória enquanto artista está ligada à sua cultura.

Até aqui vimos a relação homem/espço, ciência/espço, conceito de paisagem, paisagem e simbolismo. Importante introdução ao que se segue no trabalho, veremos nos próximos capítulos uma abordagem sobre a linguagem geográfica e como ela pode se associar as imagens. Aprofundaremos na questão visual da geografia, como utilizar dessa ciência para compreensão de imagens ou como utilizar das imagens para compreensão da ciência geográfica.

2. As obras de arte e a revelação de paisagens construídas

Ao longo do primeiro capítulo buscamos abordar os conceitos de espaço e paisagem, tendo em vista que são considerados de vital importância para melhor podermos compreender e analisar as imagens e sua conexão com o saber geográfico. Neste capítulo falaremos sobre a linguagem geográfica e a utilização de imagens, e como, a construção do saber geográfico historicamente se atrela ao uso de imagens.

A linguagem geográfica se constrói amparada pelo uso de mapas, ilustrações e pinturas. As imagens eram a forma que aqueles que ficavam quando partia os navios pudessem conhecer o além-mar, as diferentes culturas e terras longínquas visitadas pelos marinheiros. Nos dias atuais, de acordo com as espacialidades presenciadas e vividas pelos nossos corpos, todos os dias construímos e reconstruímos nossos mapas e imagens mentais, principalmente por vivemos, segundo Zygmunt Bauman (2004) identidades fragmentadas que vivenciam múltiplas espacialidades.

Visando ampliar o debate proposto, no segundo momento deste capítulo abordaremos a temática “Geografia Visual”. Para nós, através da escolha do título, vislumbramos contemplar a geografia a partir do olhar, do olhar que constrói, que examina, que enxerga, que abarca a multiplicidade de construções e modelações

realizadas no espaço, bem como os símbolos que refletem a “hominização do espaço” através da construção paisagística.

Importante lembrarmos nesse momento inicial do capítulo, que a geografia pode ser observada e sentida a partir dos cinco sentidos – tato, olfato, visão, paladar e audição. Porém, diante do desafio que urge “diante do nosso olhar”, optamos por trabalhar exclusivamente com o conceito de paisagem a partir da observação e do vivido.

Há os autores que em seus estudos nos fazem perceber que há muito ainda o que ser explorado quando se trata de imagens e geografia. Um campo da geografia cultural que ganha espaço e ainda tem muito o que ser explorado, principalmente em se tratando do campo pedagógico. Há potencial nas imagens de deixar de ser conteúdo adjunto para se tornar a centralidade da discussão nas salas de aula. Construimos, enquanto sociedade, todos os dias nossa paisagem cotidiana, é nela que imprimimos aquilo que nos descreve enquanto cultura.

2.1 A linguagem geográfica através da utilização de imagens

Historicamente, as imagens sempre fizeram parte do saber geográfico, uma vez que representam olhares que nos possibilitam a interpretação de determinadas porções do espaço, a partir da visão de mundo de um determinado sujeito. Ao mesmo tempo, podem possibilitar a construção de olhar a partir da mente e do acúmulo cultural construído a partir do cotidiano relacionado a uma perspectiva cultural. Nesse aspecto, dialogamos com Gomes e Ribeiro, pois “é possível afirmar que a informação geográfica foi, desde os seus primórdios, informação gráfica.” (2013, p.29).

Os saberes geográficos podem ser explorados através de mapas, imagens, fotos, ilustrações e pinturas ou obras de arte. “Esses quadros fornecem detalhes sobre paisagens do passado e ajudam a compreender como a geografia contribuía à geração do conhecimento sobre o mundo (Olwig, 1987 *apud*, Jörn Seemann, 2009, p.46). Dessa forma Frida e outros pintores começaram a ganhar espaço nas análises geográficas, pois seus olhares representam cotidianos, incertezas e armadilhas vinculadas a uma realidade espacial.

A leitura geográfica de imagens é um campo dentro da geografia cultural onde muito pode ser explorado, segundo Cosgrove (1998, p.97) “aplicar a leitura como fazemos em romances às paisagens ainda nos é novidade”. São dessas habilidades interpretativas que partem o presente trabalho, ou seja, através do diálogo entre geografia e arte, conseguimos vislumbrar uma importante forma de lermos o mundo, construindo olhares a partir do viés geográfico e buscando não simplesmente ver, mas “enxergar” paisagens demonstradas a partir do olhar sensível, apreensivo ou até mesmo angustiante de um determinado sujeito.

Através das simbologias, cores e paisagens contidas nas obras de artes é possível fazer uma leitura em outra forma de texto; um texto visual que pode ser usado em inúmeras ocasiões de construção de saber geográfico, principalmente nas inúmeras salas de aulas do país. De acordo com Gomes e Ribeiro (2013, p.34) as imagens são pedagógicas, podendo auxiliar professoras e professores no planejamento de suas aulas, no diálogo entre geografia, cotidiano do aluno e construção da paisagem correlacionando-a com espaço escola de forma mais ampla e rica, ou seja, com o espaço além dos muros da escola.

Temos a convicção de que o saber geográfico se apoiou e ainda se apoia nas imagens em sua construção, uma vez que representam concepções espaciais, culturais e sociais. Visando ampliar o debate, não poderíamos deixar de lado o atual contexto em que vivemos, pois com o desenvolvimento tecnológico criar um mapa ou uma imagem passou a fazer parte do nosso cotidiano, pois nos programas de TV, nos jornais, em livros didáticos, o recurso imagético a partir do mapa cria caminhos para vermos de forma detalhada determinadas realidades.

O desenvolvimento da técnica do uso de satélites, geoprocessamento e os programas de sensoriamento remoto¹⁷, propiciam a elaboração de mapas ricos em informações gastando uma quantidade de tempo bem menor que na época da elaboração manual de mapas, auxiliando em inúmeros trabalhos e pesquisas. Em outras palavras, é possível fazer trabalhos com as imagens adquiridas via satélite nos inúmeros campos de pesquisa em geografia. (FORENZANO, 2002)

Embora as imagens possam colaborar com o consciente coletivo na criação de uma ideia, não podemos deixar de lado a possibilidade de manipularmos a

17 Sensoriamento remoto é o tratamento de imagens de satélite.

construção de imagens, pois a distorção de um mapa, por exemplo, nos dá a ideia de que países tem a extensão territorial maior do que na realidade (ou menor). Elas são produtoras de pensamentos, e criam ao seu redor diferentes temáticas e diferentes discussões. Isso porque os olhos que as veem carregam consigo vivências e histórias próprias. Podem também ser consideradas “artefatos visuais que funcionam como instrumentos tanto de percepção como de compreensão do mundo” (GOMES E RIBEIRO, 2013, p.30), é através das imagens que contamos e conhecemos mais da nossa história e do nosso planeta, das vivências e costumes de outras eras.

Ainda no que diz respeito a construção de olhares a partir das imagens, gostaríamos de destacar uma metodologia muito utilizada na leitura de imagens, não necessariamente para fins de estudos geográficos. No livro “Visual Methodologies”, a professora britânica Gillian Rose aponta abordagens para a interpretação de mídias visuais dentre elas pinturas, fotografias, longas etc. Dessas abordagens Reis aponta que:

“Para uma abordagem metodológica crítica segundo os preceitos da cultura visual, Rose (2001: 15-16) propõe que o pesquisador adote algumas posturas diante das imagens que estão sendo analisadas: considerar a imagem em seu contexto social, sem assumir que elas se reduzam a esses contextos; considerar que o olhar do pesquisador – um ser constituído a partir de determinado contexto histórico, geográfico, cultural e social – não é de forma alguma inocente e, portanto, considerar de forma crítica como esse olhar é desenvolvido. Por fim, pensar a respeito das condições sociais e efeitos dos objetos visuais: encarar que as práticas culturais permitem a articulação de significados a respeito do mundo, em negociação a conflitos sociais, na produção dos sujeitos sociais.” (Rose, 2001, p.16, *apud*, REIS, 2011, p.3)

A autora destaca o método utilizado por Gillian Rose. Nesse método seria necessário para a leitura de imagens uma postura antropológica, o sujeito enquanto leitor busca afastar-se daquilo que o compõe intelectualmente na busca de absorver a imagem de uma forma “pura” e compreendê-la em sua totalidade. Qual pensamento fora construído pelo autor da imagem? Em qual contexto a imagem está? Qual seu efeito no observador?

“A reflexão em torno dos questionamentos provocados pela imagem é um dos preceitos fundamentais que ancoram o campo da Cultura Visual. Para Gillian Rose (2001: 6), imagens “nunca são janelas transparentes para o mundo. Elas interpretam o mundo; elas o apresentam em forma muito particulares”.” (rose, 2001, p.6 *apud* REIS, 2011, p.2)

As imagens são capazes de captar aquilo que o autor busca que ela capte, um filme é construído a partir do que o diretor que mostrar. Assim se faz importante a metodologia de leituras de imagens, elas nascem de uma estória que o autor busca contar, sempre correlacionando seus fatos e inserindo-os em contextos históricos, sociais, políticos e emocionais.

Sabendo que a linguística ao longo tempo se ocupou com significantes e significados, criando sentido para diversas palavras que possibilitam a interpretação de diversos textos orais e escritos, criando uma metodologia em interpretações de textos. Acreditamos na relevância de falarmos sobre uma metodologia que possibilite a interpretação de imagens, pois pode nos conduzir no processo de construção de saberes.

As imagens são uma forma de revelar o mundo ao nosso redor a partir do ponto de vista daquele que da forma a ela, e são também formas revelações sociais. A partir da construção da paisagem podemos aprender sobre o meio social ao qual ela está inserida, é a partir dessas imagens cotidianas que revelamos nosso espaço vivido.

Por conta da importância que as imagens possuem no atual contexto da sociedade, na próxima etapa do trabalho buscaremos trazer para o leitor a importância da Geografia Visual para a interpretação e “revelação” do espaço vivido.

2.2 Por uma geografia visual: A revelação do espaço vivido

Anteriormente falamos sobre a linguagem geográfica e a sua relação com a utilização de imagens; evidenciamos que a geografia e utilização de imagens são companheiras desde o início da construção desta área do conhecimento¹⁸. Também, que são utilizadas imagens em seus diversos formatos, desde as pinturas até tudo que o aparato tecnológico possa nos oferecer.

Por mais que a geografia utilize das imagens na construção de seus saberes, percebe-se que elas ocupam um espaço de suporte, aparecem como um caminho para um outro fim, e não como foco central. De acordo com Lois (2013, p.

¹⁸ Os Gregos distinguiram a topografia, traçava os retratos das regiões, descreviam a diversidade da Terra e estabeleciam comparações.

217) há uma falta de prática na utilização de imagens, e por conta disso muito de seu aporte pedagógico é perdido. Os documentários são um bom exemplo do uso das imagens como uma prática educacional:

“O documentário “Uma verdade inconveniente” do ex-vice-presidente americano Al Gore que aborda o problema das mudanças climáticas e do aquecimento global é usado como exemplo para indicar o potencial didático das imagens móveis para a “alfabetização” visual. (LOIS, 2013 p.218)

Com o que a autora chama de “imagens móveis” é possível consolidar a construção do saber geográfico, trazendo para a sala de aula uma realidade não vivida no cotidiano dos estudantes, mas que será sentida e absorvida através do filme. As imagens, sejam elas móveis ou não, são capazes de trazer o distante para próximo de nós e revelar espaços dos quais não fazemos parte em corpo presente.

Como afirma Luchiari (2001, 2018, p. 6), “a geografia cultural vê a paisagem como expressão material do significado que a sociedade oferece ao meio, relacionando-se com a cultura”. A paisagem, por meio de suas nuances, nos revela a expressão do povo que ali vive, a imagem que ela pinta nos transfere a transformação do meio pelo homem. Estamos, enquanto sociedade, transformando o meio a nossa volta o tempo todo, a cada nova fachada, novo prédio, novo bar, estamos transformando as paisagens que nos cercam e deixando uma marca que nos representa enquanto cultura.

O bairro Liberdade na cidade de São Paulo, por exemplo, traz imagens de uma paisagem atípica do cenário tradicional brasileiro. É um bairro que foi ocupado em sua maioria por orientais, que trouxeram consigo e imprimiram no espaço inúmeros símbolos da cultura nipônica. Um passeio por lá é como um mergulho em uma cultura distante da nossa; o bairro cria uma série de imagens, sensações e cheiros que fazem lembrar uma viagem longínqua. Ao mesmo tempo, para os atores sociais que construíram e constroem o bairro diariamente, estes símbolos, ao contrário, remetem ao lar, ao familiar.

Consideramos que a análise de paisagens e imagens parte do olhar daquele que observa. O observador é construído em um meio social e carrega consigo suas crenças e verdades, não está livre de seus princípios e valores (como citado acima). Sendo assim cada um que observa, vê a imagem de uma forma.

2.2.1 O Olhar

De acordo com MEINIG (1976, p.35) “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. Nossa forma de olhar seria moldada por nossas mentes e por nossos conhecimentos teóricos e científicos, mas não só isso, o nosso olhar também é moldado por construções mentais elaboradas ao longo da nossa trajetória, das múltiplas experiências vividas e internalizadas no nosso “eu”. Para o autor o olhar é moldado pelo observador ao seu formato. Assim,

“Enquanto a ferramenta do ativista social é o folheto de propaganda retratando o pior que pode ser visto na paisagem real, a o “designer” é de apresentar um plano, um esquema, uma perspectiva da paisagem imaginada, aperfeiçoada pela aplicação da arte e da tecnologia” (MEINIG, 1976, p.41)

Lembro-me da minha primeira viagem de ônibus após fazer a matéria geomorfologia no curso de geografia, eu olhava pela janela e ia identificando as formas de relevo. A partir daquele momento eu nunca mais consegui olhar para uma paisagem sem analisá-la a partir de tudo que tinha aprendido na matéria. As nossas diferentes áreas de estudos podem moldar nossa forma de olhar o mundo, e mudar também, através das diferentes áreas científicas. Enquanto para o ativista social o olhar é voltado para as mazelas humanas, aqueles que veem a paisagem como possibilidade de ser monetizada vão ressaltar aquilo que é considerado socialmente belo.

Partindo desse pressuposto, acreditamos que as imagens são fonte inesgotável de discussões e construções em grupo e que podem ser usadas enquanto pedagógicas em sala de aula, não só em matérias como a geografia, mas para todas as áreas do saber.

Acreditamos que o uso de obras de arte pode engrandecer a construção do saber, sendo que as obras não acabam em si. Há uma infinidade de temas que podem ser abordados, como o contexto histórico da obra, quem foi o autor, qual fora sua vivência, questões políticas da época e ou retratadas na obra. Frida Kahlo tem muito a oferecer enquanto artista e suas obras.

3. A expressão da cultura e o olhar de Frida Kahlo

Buscamos até o momento trazer clareza aos termos e conceitos que circulam os saberes geográficos e oferecem base teórica para a nossa proposta de trabalho. Até aqui procuramos fazer uma construção teórica entre simbolismo e espaço, dando ênfase à importância das imagens e sua conexão com a geografia, assim como sua relação com os seres humanos, que pode ser observada através das multiplicidade de olhares e construções mentais.

Neste capítulo falaremos sobre a artista escolhida para ilustrar a forma pedagógica como podem ser abordadas as imagens, a pintora surrealista Frida Kahlo. Em vida, a artista expôs em lugares, como o museu de arte moderna em Nova York, galeria de arte Julien Levy também em Nova York, “Galeria Renou & Colle” em Paris, entre outras exposições. Em 1941 ela foi escolhida pelo ministro da educação como fundadora do seminário mexicano de cultura e participou, com outros artistas também mexicanos, de uma exposição no instituto de arte contemporânea na cidade de Boston (USA).

Suas obras podem ser visitadas em seu museu “Casa Azul”, está localizado no bairro Colonia del Carmen de Coyoacán, na Cidade do México. O museu foi fundado no lugar onde Frida vivia, entregue ao governo do México por seu marido Diego Rivera em 1955, um ano após a morte da pintora.

Falaremos sobre suas obras a partir de um viés geográfico, buscando elucidar nuances que nos tragam referências culturais, paisagísticas e políticas. Buscando mostrar formas de se criar um debate pedagógico em torno de obras de arte.

As imagens tendem a serem temas geradores, “tema gerador é o tema ponto de partida para o processo de construção da descoberta” (TOZONI-REIS, 2006 p.103). Discutiremos sobre a importância das imagens no âmbito de ensino escolar, e como as imagens podem auxiliar no ensino e aprendizagem. Assim como oferecer um conteúdo com maior facilidade de ser incorporado pelos estudantes.

3.1 A trajetória de Frida Kahlo

Nascida em 6 de julho de 1907 na cidade de Coyoacán, subúrbio da Cidade do México, trocou sua data de nascimento para 1910, ano em que teve início a revolução mexicana. Aos 6 anos de idade Frida contrai poliomielite, doença que faz com que sua perna direita seja menor que a outra sendo assim chamada por seus colegas de “Frida perna de pau”. Em 1922, se muda para a Cidade do México com intuito de estudar na Escola Nacional Preparatória do Distrito Federal do México, é nesse momento que Frida conhece seu futuro marido Diego Rivera que pintava um afresco em sua escola.

No dia 17 de setembro de 1925 ao voltar da aula para casa, Frida sofreu um trágico acidente de ônibus que quebrou sua bacia e a coluna dorsal, o acidente fez com que ela ficasse de cama por um longo período. Seu corpo, por conta da seriedade do acidente, teve de ficar quase todo engessado. O tempo de repouso fez com que os mágicos pincéis viessem para suas mãos e ali começara a jornada de uma grande artista que jamais se deixou abalar pela dor. Segundo Galeano:

Frida ri às gargalhadas e pinta esplêndida telas desde o dia em que foi condenada à dor incessante. A primeira dor ocorreu lá longe, na infância, quando seus pais a disfarçaram de anjo e ela quis voar com asas de palha; mas a dor de nunca acabar chegou num acidente de rua, quando um ferro de bonde cravou-se de um lado a outro em seu corpo, como uma lança, e triturou seus ossos. Desde então ela é uma dor que sobrevive. Foi operada, em vão, muitas vezes; e na cama do hospital começou a pintar seus autorretratos, que são desesperadas homenagens à vida que lhe sobra. (Galeano, 1998, p.378).

Com 20 anos a artista entra para o partido comunista, um ano mais tarde sairia em protesto a expulsão de seu marido Diego Rivera. Em 1948 ambos retornam ao partido. Frida sempre foi ativa no cenário político, quando imperava o nazismo na Alemanha decidiu por modificar seu nome que no ato era Frieda e passou a assinar o nome pelo qual a conhecemos hoje. Corroborando como nossa abordagem, segundo Kahlo, ela se define como:

Sou uma pessoa, sou comunista. Sei que as origens básicas ligam-se às raízes antigas. Li a história do meu país e a de quase todos os povos. Conheço suas lutas de classe e seus conflitos econômicos. Compreendo claramente o materialismo dialético de Marx, Engels, Lênin, Stalin e Mao Tsé. Eu os amo por serem os pilares do novo mundo comunista. (KAHLO,1995, p.255)

Em várias passagens de seu diário ela se mostra marxista e expressa sua vontade de pintar para ajudar o partido. Em 1954, 10 dias antes de sua morte, participou de um protesto contra a derrubada do governo de Jacobo Arbens da Guatemala. Suas obras ora são auto-retratos, ora são passagens de sua vida, e em todas elas a expressão, vezes política, vezes cultural de seu país. Marxista, comunista e feminista 3 palavras que podem descrever o que hoje é um ícone de força feminina. Assim para Moraes:

Frida Kahlo são muitas. Sem deixar de ser uma. Ou única. (...) Um mito que não se esgota, iluminando a pintura que lhe serve de suporte, estimulando, assim, novas leituras sobre seus múltiplos significados. Frida segue sendo decorrido quase um século de iniciada a construção de sua obra a figura mais fascinante da pintura moderna mexicana. Tendo iniciado sua trajetória artística em 1927, quando o muralismo mexicano começava a se impor como doutrina estética oficial, Frida soube realizar uma pintura extremamente pessoal e sedutora, totalmente alheia aos cânones vigentes. (MORAIS, 2015, p.9)

Em casa, ficava deitada em sua cama que havia um espelho em cima onde ela podia se olhar, um cavalete com uma tela e seus pincéis. A maioria das obras da artista são autorretratos, ela dizia que os pintava porque gostava de pintar o que ela conhecia melhor, ela mesma. (Libardi, 2016).

Frida tinha seu próprio estilo de pintura, traços finos e pinturas com cores fortes. Pintava seu dia-a-dia e seus amores. Um de seus amores era seu pai, Guillermo Kahlo um fotógrafo alemão que migrou para o México e de alguma forma influenciou a artista que havia dentro da pintura.

Outro de seus amores era seu marido Diego Rivera, também pintor (muralista), um romance um tanto quanto conturbado com idas e vindas descritas em seu diário sempre de uma forma muito poética. Por fim seu país, Frida expressava seu amor através das inúmeras pinturas contendo por trás sempre uma paisagem ou um símbolo mexicano, amor esse que fica mais claro quando a pintora passa uma temporada nos Estados Unidos acompanhando seu marido em um trabalho. Em seu diário inúmeras descrições de como ela sentia falta de seu país, nas pinturas separações, de um lado o México e sua natureza aparente e do outro os Estados Unidos com suas fábricas e seu ar acinzentado.

A pintora deixou sua marca no século XX, é sabido que ela era muito ligada a política, como mencionado acima, e que discutia sobre questões sociais e democráticas. Frida marca o século XX como uma mulher que se colocava fora dos ambientes previsto para mulheres num México da década de 30. Em uma de suas cartas, fora encontrada uma carta enviada ao então presidente do México Miguel Alemán onde reivindicava uma democracia mais forte dentro do país. Para Souza:

Nessa correspondência ela reclama a intervenção do governante num debate que ocorre face ao ataque de jovens católicos ao mural de Diego Rivera, onde se via a figura de um necromante e os dizeres: “Deus não existe! ...O apelo de Frida ao presidente fala sobre a necessidade de convivência de diferentes e divergentes símbolos, num México que se pretendia democrático. (SOUZA, 2010, p.12)

Para além do ataque, o que podemos perceber na carta de Frida vai para além de esposa, mostra um exercício como cidadã e como mulher dentro da política. “Veremos então como essa carta, em meio ao conjunto de cartas que Frida deixa, uma vez que era escritora proffícuca, perfaz uma escrita de si que muito fala do lugar que ocupa uma mulher na Revolução.” (SOUZA, 2010, p.2). Essas e outras tantas facetadas da pintora a colocam como uma mulher importante dentro do debate feminista, uma mulher forte, política e democrática.

Sabendo que a geografia consegue, através do seu olhar, enxergar muito mais que uma obra de arte. Na próxima parte do trabalho buscaremos analisar as obras de Frida correlacionando-as com as especificidades da ciência geográfica.

3.2 O olhar geográfico a partir das obras de Frida Kahlo

Escolhemos utilizar Frida Kahlo em nosso trabalho por expressar em suas obras de arte muito de sua cultura local, assim como um contexto sociopolítico. Para além de suas obras a artista é uma mulher muito à frente de seu tempo, o México dos anos 30, uma eximia pintora latino-americana que deixou e deixa sua marca no mundo e ao mesmo tempo a sua marca sobre a mundo.

Contemporaneamente seu rosto é estampado em diversas roupas e seus textos são usados como forma de empoderamento de mulheres. Ela é

empoderamento para todos aqueles que não se sentem bem com seus corpos por conta de padrões e modelos dominantes, impostos pela força da coercitividade, da generalidade e da exterioridade. Frida era deficiente e sempre colocou esse fato em suas pinturas, com isso ela mostrava que nossas imperfeições são o que nos fazem humanos.

Em uma das passagens de seu diário Frida escreve o que se tornaria uma frase icônica nos dias de hoje “pies para qué los quiero si tengo alas para volar” (KAHLO, 2015, p.257). Após inúmeras cirurgias por conta dos resquícios que o acidente deixara em seu corpo, em 1950 ela tem de amputar o pé direito, a frase hoje é usada como forma de mostrar que a partir da criatividade podemos ir a qualquer lugar.

Frida era uma mulher muito ativa dentro da conjuntura política de seu país, para além da leitura paisagística física¹⁹ e a paisagem cultural²⁰ mexicana, seus quadros nos oferecem e retratam características e contextos políticos diversos, conforme a figura 01.

19 Elementos da natureza.

20 Paisagem urbana, arquitetura, cores e decoração.

Figura 1 – Sin esperanza



Fonte: Frida Kahlo Fans

A Figura 1 é uma pintura datada de 1945, nomeada por ela de “sin esperanza”. Nesse quadro Frida se desenhou deitada em uma cama com um funil que a alimenta. Isso retrata o momento em que ela acabara de passar por cirurgias e tivera que se alimentar através de um funil. No quadro o funil ganhou uma enorme proporção que tivera de ser sustentado por uma estrutura de madeira. “No verso do quadro Frida escreveu aquilo que mais tarde vem dar nome ao quadro: “Não resta nem a menor esperança em mim... Tudo se move em sintonia com o que o estômago contém”.” (MORGADO E CARVALHO, 2016). Acima das carnes há uma caveira, objeto típico da cultura mexicana. “Essas caveiras eram comuns no dia dos mortos e seu papel na pintura é fazer uma alusão à morte, enquanto o açúcar com que ela é feita representa a doçura da vida” (MORGADO E CARVALHO, 2016). Ao fundo da pintura um retrato da natureza árida e desértica encontrada no México, com desenhos do sol grande e vermelho e ao seu lado a lua. Segundo Morgado e Carvalho (2016), o sol representaria seu marido Diego Rivera.

A expressão da artista no quadro é de agonia e tristeza, Frida passara por mais de 30 cirurgias durante sua vida e seu quadro clínico piorava a cada uma delas. De acordo com Morgado e Carvalho o funil com carnes cruas teria sido retirado de

uma parte do livro sobre a inquisição espanhola²¹. O ano em que o quadro foi datado é o mesmo que marca o fim da segunda guerra mundial. Com esse quadro podemos perceber aspectos do clima árido mexicano e elementos comuns de sua cultura como a caveira de açúcar.

Uma das últimas obras da artista traz para o seu trabalho o seu lado mais político. A pintora acredita que o comunismo era a salvação das mazelas do mundo, buscando fazer mais pelo partido e mais pela revolução. Frida ilustra o quadro “El marxismo le dará salud al enfermo” em 1954, figura 02.

²¹ Movimento do governo espanhol para expansão do catolicismo.

Figura 2 – El marxismo le dará salud al enfermo



Fonte: Frida Kahlo Fans

Na Figura 2 observamos a artista com o olhar para o horizonte sendo segurada por grandes mãos, ao lado esquerdo vemos o rosto Karl Marx e ao seu lado uma mão no pescoço daquilo que representa o capitalismo. Vemos objetos na pintura como um caderno vermelho em suas mãos (cor do partido comunista), uma pomba branca simbolizando a paz e o quadro dividido ao meio com um chão onde há sangue e o outro lado onde há natureza. Assim,

Nos últimos dias, Frida introduziu uma dimensão política em seu trabalho, a fim de "servir ao Partido" e "beneficiar a Revolução". Nesta pintura, Frida abraça a crença utópica de que convicções políticas podem libertá-la - e com ela, de toda a humanidade - do pão e do sofrimento. Vestindo seu espartilho de couro, ela olha para a face da terra. Enquanto isso, o artista doente está passando por uma cura milagrosa. Ela é gentilmente apoiada por mãos enormes, símbolos do marxismo; um deles com os olhos da sabedoria,

permitindo-lhe largar as muletas. "Pela primeira vez, não estou mais chorando", disse ela sobre essa pintura. Ela é forte e pode ser usada como uma ferramenta para pinceladas mais soltas, apressadas e quase descuidadas, aplicação mais espessa de tinta e execução menos precisa dos detalhes. Essa foi uma das últimas pinturas de Frida. Permaneceu inacabado em seu cavalete no momento de sua morte. (FRIDA KAHLO FANS)

Através de suas pinturas podemos compreender mais da cultura, paisagem mexicana, assim como, abre espaço para discussões políticas e críticas ao sistema econômico vigente. Também há possibilidades de diálogos sobre corpo, deficiência, feminismo, mulheres na política e muito outros. Por ser uma pintora com uma história de vida intrigante a escolhemos para ilustrar as possibilidades acadêmicas a partir de imagens.

3.3 Escola e cultura: As imagens e a construção de conhecimento no espaço escolar

Ao longo dos capítulos buscamos explicitar como as imagens estão presentes no nosso cotidiano e podem elas nos trazer reflexões, poderiam ser importantes ferramentas utilizadas no cotidiano escolar. As imagens, no ensino escolar, são utilizadas como apoio no processo de ensino-aprendizagem, presentes nos livros didáticos de matérias como biologia e história. De acordo com Girão (2013, p.93) a ciência e a educação em âmbitos acadêmicos se utilizam de imagens como parte do conteúdo; para a medicina por exemplo, as imagens são utilizadas em tempo real para a realização de cirurgias que contém um alto risco, mas a escola ainda tem um processo muito lento na utilização de registros iconográficos.

A escola no que concerne ao ensino baseado em imagens ainda tem muito o que se desenvolver, nossa "sociedade contemporânea é multicultural e de múltiplas linguagens" (GIRÃO, 2013, p.89), e o corpo docente do meio escolar deve buscar inserir seus alunos em todos os tipos de linguagens, para que, ao saírem da escola estejam aptos a todo tipo de ensino-aprendizagem.

Se a leitura de mundo implica em um processo permanente de decodificação de mensagens, de articulação/contextualização das informações, cabe à escola ensinar o aluno a lê-lo também por meio de outras linguagens e saber lidar com os novos instrumentos para essa leitura (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE 2007, p. 262).

É necessário que o aluno saia do meio escolar apto aos diferentes estilos de leitura que possa aparecer no mercado de trabalho ou no ensino superior. De acordo com Duarte (2006, p.228 e 232) o ensino escolar ainda opera em um sistema criado no século XVIII, que tem sua centralidade “na oralidade, na escrita e na repetição e memorização dos conteúdos” (ibid. 228 e 232). Se faz necessário superar esse modelo para que a escola se inclua no século XXI e faça a utilização de imagens no ensino assim como utiliza da escrita.

Ao ingressar na escola, nos primeiros anos de ensino são os desenhos que vão auxiliar na expressão de pensamentos e verbalização das crianças. De acordo com Joly (2004, p43), desde muito pequenos o aprendizado da leitura de imagens faz parte do nosso cotidiano. O que acaba se perdendo quando as crianças começam a dominar a leitura.

O mundo contemporâneo é imagético, somos bombardeados por imagens o tempo todo “Sem a imagem a cotidianidade seria impossível. Mesmo quando não temos uma fotografia para cada situação, o imaginário cria a imagem em nós e para nós” (MARTINS, 2009, p.43). Mesmo quando a imagem não é criada por algo tecnológico somos nós, nosso cérebro que as cria. Isso faz com que tenhamos em nossa memória uma biblioteca repleta de imagens que cooperam na formulação de conceitos para uma melhor compreensão do espaço. Buscamos nos expressar através das imagens desde os tempos primórdios, por meio de desenhos rupestres, primeiro apareceram desenhos simples com linhas e borrões e depois os desenhos ganharam certo nível de complexidade. (GIRÃO, 2006)

Sem desmerecer os demais sentidos humanos, biólogos, psicólogos e neurologistas são unânimes em reconhecer a importância da visão e da linguagem visual para grande parte das situações que devemos enfrentar ao longo da vida. A rapidez com a qual processamos informações visuais e a facilidade com que as arquivamos são argumentos fortes em favor do uso das imagens na comunicação humana (COSTA, 2005, p. 31).

A publicidade e os meios de comunicação, cientes de que o conteúdo passado por imagens é melhor absorvido pela mente humana do que textos, utilizam das imagens para angariar clientes para suas marcas. Um bom publicitário é aquele que consegue pensar em uma ideia imagética que vai atingir o maior número de pessoas. Assim:

(...) as imagens já são amplamente utilizadas pelas ciências sociais no campo científico, a escola que é o espaço privilegiado de produção de conhecimento necessita agarrar-se a essa “nova” forma de produzir o saber. Várias disciplinas poderão envolver-se nessa verdadeira empreitada a fim de resgatar o interesse do aluno. A imagem não precisa necessariamente estar ligada as Artes ou a Matemática. Ela está presente na História, na Biologia, na Língua Portuguesa entre outras, e é extremamente importante trabalhá-la. Todavia, é na Geografia que ela realmente encontra grande apoio, pois, como entender as transformações no espaço sem a análise dos registros iconográficos? (GIRÃO, 2006, p.95)

Se a absorção de conteúdo através das imagens é mais rápida e melhor absorvida em nosso cérebro, caberia a escola buscar adaptar-se a esses novos estilos de ensino-aprendizagem. Principalmente em um mundo que caminha a passos largos com a tecnologia, cada vez mais imagética. Foi pensando nesse contexto de ensino e aprendizagem que construímos o presente trabalho. Acreditamos que as obras de arte podem trazer muitas discussões e diálogos em torno dos mais diversos assuntos.

Abordar obras de arte que sem dúvida refletem sentimentos e paisagens vinculadas a diversos cotidianos e espacialidades é apenas uma tarefa inicial para que o espaço escolar produza conhecimento valorizando singularidades espaciais. O exemplo das obras de Frida foi apenas um pontapé rumo a construção de uma geografia escolar que valorize e explore um conhecimento que valorize os cinco sentidos do corpo humano.

Consideração finais

Há ainda um longo caminho que a escola deve percorrer para buscar se adaptar aos diferentes tipos de linguagem. A forma como o ensino se desenvolve nos dias de hoje se mostra ultrapassada e muitas vezes excludentes.

Ao longo do trabalho buscamos ressaltar que as imagens podem ser temas geradores em si mesmas. A partir das imagens e sua leitura podemos compreender melhor conceitos assim como criar debates, discussões e diálogos em torno de todos os tipos de assunto.

Buscamos elucidar com as obras de arte presentes no trabalho, que uma imagem pode gerar a construção de conteúdos que permeia disciplinas como história, sociologia e geografia. Trazendo para o processo de ensino a interdisciplinaridade dessas matérias, deixando o conteúdo mais dinâmico.

É necessário no mundo contemporâneo que a escola se adapte as novas tecnologias e formas de linguagem, fazendo com que o conteúdo apresentado em sala de aula instigue o aluno e prenda a sua atenção para uma melhor absorção dos conhecimentos apresentados.

REFERENCIAS

CORRÊA, R.L. Denis Cosgrove - **A paisagem e as imagens**. Espaço e Cultura, [S.l.], n. 29, p. 7-21, jun. 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares Geográficos - Modos de Ver e Viver o Espaço**. In: Iná Elias de Castro; Paulo Cesar da Costa Gomes (Orgs.). Rio de Janeiro: Edições Bertrand Brasil, 2012.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte**: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) *Geografia cultural: uma antologia*. v.1. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 219-23

COSGROVE, Denis & JACKSON, Peter **Novos Rumos da Geografia Cultural** In: *Geografia Cultural: Um Século (2)* CORRÊA, R. L.& ROSENDAHL, Z. (org.) Rio de Janeiro, EdUerj, 2000.

DICIO. **Dicionário online de português**. Página inicial. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

DUARTE, Rosália. **Imagem, linguagem visual e conhecimento escolar**. In: SILVA, Aida Maria Monteiro; MACEDO, Martins Teixeira; MELO, Márcia Maria de Oliveira; BARBOSA, Maria Lúcia de Figueiredo (Orgs). *Políticas educacionais, tecnologias e formação de educador: Repercussões sobre a didática e as práticas de ensino*. Recife: Bagaço, 2006

FLORENZANO, Tereza Gallo. **Imagens de satélite para estudos ambientais**. São paulo. Oficina de textos, 2002.

GALEANO, Eduardo, 1940 – Memória do fogo 3: **O século do vento**. Eduardo Galeano; tradução Eric Nepomuceno. – Porto Alegre – L&PM, 1998. p.378. pág. 116 e 117

Girão, O.; Lima, S. R. **O ensino de geografia versus leitura de imagens**: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.2 p. 88-106, maio./ago. 2013

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. 7. ed. Campinas: Papirus, 2004.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo**: um auto-retrato íntimo. RJ: José Olympio, 1995.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo**: um autorretrato íntimo. RJ: José Olympio 4ºed. 2015

LIBARDI, Brisa: **A força de Frida Kahlo**. Disponível em: <<http://www.revistapazes.com/forca-frida/>>. Acesso em: 30 de maio de 2017 as 14h50.

LOIS, Carla; HOLLMAN, Verónica (Orgs.). Rosario.: **Geografía y cultura visual. Los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio**. Prohistoria Ediciones; UNR, 2013. 441p.

LUCHIARI, M.T. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In:ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L (Orgs.) Paisagem, Imaginário e Espaço. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MAU espírito. Direção de Julian Eduardo. São Paulo: Youtube, 2019. (10 min.).

MARIN, Andréia Aparecida. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 3, n. 1 – pp. 203-222, 2008.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**. Bertrand Brasil 2008

MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem. São Paulo: Contexto, 2009.

MEINIG, Donald W. **O olho que observa: des versões da mesma cena**. Landscape Architecture. Vol.66, p. 47-54, 1976.

MELO, V. Paisagem e simbolismo. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L (Orgs.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 29-48.

MORGADO E CARVALHO, João e Ana. **Sem esperança – Frida kahlo**. Disponível em: <<https://pintura.blogs.sapo.pt/sem-esperanca-frida-kahlo-835>> Acesso em: 14 de novembro de 2019.

NETA, Maria Amélia Vilanova. **Geografia e Literatura: Decifrando as Paisagens dos Mocambos do Recife** / Maria Amélia Vilanova Neta. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, 2005 116p., 1 vol., il.

POR QUE A TORRE DE PISA É INCLINADA? **Super interessante**, 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-a-torre-de-pisa-e-inclinada/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

Reis, Ana Paola dos. **A análise de imagens como método de pesquisa e recurso didático**. Faculdade de Artes Visuais UFG. Goiânia, 2011.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies**. 2. ed. London: Sage, 2007.

ROSENDAHL, Z. **Paisagem simbólica como descrição da personalidade do lugar: a certidão de nascimento do Brasil**. In: NEGREIROS, C; LEMOS, M; ALVES, I (Orgs.) **Literatura e Paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1996.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SEEMANN, Jörn. **Arte, conhecimento geográfico e leitura de imagens: O geógrafo, de Vermeer**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 43-60, set./dez. 2009

SOUZA, Ana Maria Alves de. **Do pessoal ao político: O movimento revolucionário de Frida Kahlo na carta ao presidente do México**. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010

TOUREIFFEL.PARIS. **Le site officiel de la Tour Eiffel**. Página inicial. Disponível em: <<https://www.tou Eiffel.paris/fr>>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.